

A generosidade de Deus para connosco não é ingénua, mas sábia, e sabe aproveitar em nós a possibilidade de um bem do qual, por vezes, nem sequer nos apercebemos. Por isso, o Senhor, que conhece o terreno do nosso coração melhor do que nós próprios, não deixa de acreditar em nós: naquilo que somos e naquilo em que nos podemos tornar, dia após dia, se nos entregarmos a Ele com fé.

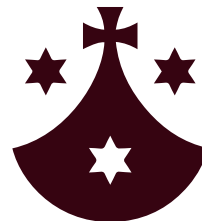
Papa Leão XIV, *Angelus*, 12 de julho de 2026



Boletim de Espiritualidade

1 AGOSTO 2026
Ano XIII Nº 146

146



Agenda agosto 2026

- 3 **Faro** (Seminário) – Cabido da Sé promove sessão de apresentações sobre D. Jerónimo Osório
- 3 a 8 **Avessadas** – Férias orantes
- 3 a 14 **Ávila** (CITEs) – Formação em dança contemplativa
- 5 a 9 **Fátima** (Santuário) – «Into the Light», proposta pastoral para jovens
- 6 a 9 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 6 a 14 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 6 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 8 **Online** – De véspera com S. Teresa Benedita da Cruz – Rui Guerra (21h30)
- 8 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 12 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 14 a 22 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 15 a 31 **Colares** (Jesuítas) – Férias com Deus
- 17 a 25 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais
- 21 a 29 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais: caminho de contemplação
- 22 a 28 **Ávila** (CITEs) – Retiro sobre as Quintas Moradas de Santa Teresa: *Transformação no amor... para amar*
- 28 a 30 **Fátima** (Capuchinhos) – Semana Bíblica Nacional: *São Francisco e a Palavra de Deus*
- 24 a 28 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – Retiro para Sacerdotes
- 24 a 29 **Fátima** (Centro Catequético) – Curso intensivo de catequese

- 24 a 29 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 30–5 set **Ribamar** (Casa do Oeste – campo de férias para crianças e jovens)
- 31–3 set **Fátima** (Santuário) – Simpósio do clero: *Irmãos no sacerdócio e testemunhas do Evangelho*

Agenda setembro 2026

- 2 a 5 **Ávila** (CITEs) – Simpósio: *O feminino na obra e na recepção de São João da Cruz*
- 4 e 5 **Aveiro** (Seminário) – Formação «[re]Anima», para animadores e educadores
- 11 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 16 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 17 a 20 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 19 **Braga** (Congregados) – Catequeses sobre São Francisco de Assis: *O mundo como dom*
- 19 **Porto** (UCP) – Doutrina Social da igreja no atual contexto político – Dr. Pacheco Pereira
- 19 e 20 **Fátima** (Concepcionistas) – Jornadas missionárias: *Um em Cristo, unidos na Missão*
- 20 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 24 **Leiria** (Seminário) – Jornadas Nacionais de Comunicação Social: *Por uma gramática do encontro*
- 24 a 27 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 24 a 27 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios espirituais



SIMPOSIO SANJUANISTA

Lo femenino en la obra y la recepción de san Juan de la Cruz

2 – 5 de septiembre de 2026
Modalidad: presencial y online



Revestidos de Maria, Movidos pelo Espírito. Uma Aliança renovada: o Escapulário

fr. Miguel Márquez Calle, Superior General OCD

Queridos irmãos e irmãs da grande família do Carmelo Teresiano, irmãs, seculares, frades, congregações associadas, sacerdotes que viveis a espiritualidade carmelita e todos os nossos amigos e familiares. Saúdo-vos com grande alegria neste dia da Solenidade da Virgem do Carmo, onde quer que estejais e que momento estejais a viver.

Comecei este mês de julho na Terra Santa, no nosso Santuário *Stella Maris*, no Monte Carmelo, sob o olhar de Maria, junto à Fonte de Elias, partilhando com os meus irmãos e irmãs daquelas terras, a quem agradeço o testemunho e a preciosa presença. Coloco toda a Ordem sob a proteção e amparo de Maria, com plena confiança no seu cuidado maternal.

Gostaria de partilhar convosco três ideias: revestidos pelo escapulário; movidos pelo Espírito Santo; e testemunhas da experiência de Deus.

Nós, os carmelitas, sentimo-nos filhos e irmãos prediletos de Maria. Foi-nos concedido um sinal deste amor no Escapulário, que simboliza a sua presença e o bater de coração em cada um de nós. Queremos viver sempre revestidos de Maria. Ela, no dizer de S. João da Cruz, «esteve, desde o princípio, sempre movida pelo Espírito Santo» (3S 2,10). Também nós, como ela, dóceis ao Espírito Santo, queremos estar sempre em caminho, guiados pelo seu olhar e pela sua mão, acolhendo este momento histórico com humilde ousadia e intrépida alegria.

Gostaria de vos convidar neste dia, de forma especial, a deixar que Maria nos conduza de novo àquela primeira experiência de oração no Espírito, à simplicidade do amor inicial, a mergulharmos numa oração profunda que nos leve, como a Teresa, a irradiar vida de oração e paixão por Jesus. Mais uma vez aprendizes e, ao mesmo tempo, mestres com a nossa vida, a partir desta experiência e do dom que recebemos.

1. O dom do Escapulário e a dimensão mariana do Carmelo

1.1. *Fazer memória agradecida*

Este ano, toda a família do Carmelo, OCarm – OCD, e todos aqueles que têm devoção ao Escapulário, celebramos os 775 anos do dom do escapulário.

Cumprem-se os 25 anos da mensagem que o Papa João Paulo II dirigiu aos dois superiores gerais da OCarm e da OCD sobre o escapulário, em 25 de março de 2001, e da carta circular

«Com Maria, a Mãe de Jesus, a Virgem na vida do Carmelo», dos dois superiores gerais, Joseph Chalmers e Camilo Maccise; dois excelentes documentos que vos convido a reler e a meditar, pela sua profundidade teológica e pela sua abordagem pastoral.

1.2. *O desafio permanente de renovar o marianismo*

O escapulário é um sinal da dimensão mariana da nossa vocação: viver em obséquio de Jesus Cristo, imitando



a Virgem Maria. Aqui encontramos uma síntese da nova vocação e consagração, seja batismal ou religiosa.

Na linha desses documentos, pretendemos continuar a aprofundar a teologia, a espiritualidade e a pastoral do escapulário. Os recentes inquéritos a toda a Ordem, sobre a nossa vivência mariana, revelam o profundo apreço da nossa família pelo dom do escapulário, bem como o lugar central que continua a ter na nossa pastoral. Este movimento de convite à renovação e ao aprofundamento do marianismo e à devoção ao escapulário está enraizado na necessidade e na urgência de uma teologia, espiritualidade e pastoral evangélicas autênticas. Revestidos de Maria, o sinal simples e humilde do escapulário recorda-nos a necessidade de regressar à beleza, frescura e ousadia do primeiro amor. Maria reaviva em cada um de nós a peregrinação da esperança num mundo que enfrenta a crescente incerteza do amanhã. Revestidos de Maria, aceitamos o desafio de avançar rumo ao amanhã, com a certeza confiante de que Maria, a Mãe e a Irmã não nos abandonará e estará sempre ao nosso lado.

Há vários anos que estamos empenhados neste esforço, convidando todas as carmelitas, todos os seculares e frades do Carmelo a cuidar da dimensão mariana, da intimidade com Maria, do diálogo com ela, como uma escola de renovação da nossa amizade com Jesus e da revitalização da nossa vida de oração. Chegou o momento de nos questionarmos novamente sobre a nossa verdadeira vida de oração e sobre o crescimento da nossa amizade com Jesus. Tudo o que se refere a Maria conduz-nos à experiência de sermos filhos no Filho. Maria conforma-nos à imagem do Filho das suas entranhas e convi-

da-nos a sermos um com Ele. Tudo isto nos é recordado pelo escapulário, que é um compêndio desta Aliança com Jesus.

A partir da Casa Geral, pusemos em prática algumas sugestões e iniciativas: criámos um grupo de vida mariana; reunimo-nos periodicamente para refletir sobre este tema do nosso carisma; realizámos um inquérito a toda a Ordem com o objetivo de obter um panorama detalhado do estado do nosso marianismo nos aspetos carismático, teológico, devocional e pastoral; criámos um blogue mariano <https://maristellacarmel.com>, que vos convido a visitar, onde publicamos tudo o que de mais significativo nos chega no âmbito do Carmelo; as cartas que enviei nas últimas celebrações da Solenidade de Nossa Senhora do Carmo; a animação constante nas visitas pastorais e fraternas por todo o mundo... além das numerosas iniciativas que tenho observado em tantas comunidades e circunscrições da Ordem: cursos de mariologia e marianismo, semanas de estudo, publicações, peregrinações a santuários marianos, celebrações... Tenho a impressão de que este impulso mariano foi recebido por muitos, como um apelo oportuno e necessário, para este tempo que estamos a viver. Sentimos sempre que Maria é o impulso de um novo Pentecostes para a Igreja e para o Carmelo. É assim que o sinto em todos os recantos do mundo que tenho o privilégio de visitar.

Existem outras iniciativas, desejos e projetos que este grupo de vida mariana, que criámos com os irmãos da nossa casa de Fátima, está a promover: um encontro de mariólogos carmelitas, a organização de um congresso teológico sobre a espiritualidade mariana da Ordem. Consultámos os teólogos sobre as perspetivas e os aspetos marianos e mariológicos que precisamos de explorar e estudar. Está em projeto um encontro de frades carmelitas que trabalham nos santuários marianos para debater a pastoral e a devoção mariana, a elaboração de temas formativos fundamentais do nosso carisma e a sua relação com Maria...

Ao recordar os passos que demos nos últimos anos e aqueles que pretendemos dar, quero também agradecer a valorização que os capítulos provinciais fizeram deste movimento

renovador. Confiamos todo o caminho percorrido, e aquele que temos pela frente, a Maria, Rainha e Formosa do Carmelo, para que cheguemos ao cume do Monte que é Cristo, revestidos do escapulário de Maria.

2. A Virgem Maria e São João da Cruz

2.1. Uma relação afetuosa e íntima

Para além das celebrações por ocasião dos 775 anos da entrega do escapulário, neste ano de 2026 celebramos o ano jubilar de São João da Cruz: os 300 anos da sua canonização e os 100 anos da sua proclamação como Doutor da Igreja. Não são muitas as referências a Maria nos escritos e na vida de São João da Cruz; no entanto, podemos dizer que se trata de uma presença intensa e profunda. Temos dele algumas passagens de uma riqueza doutrinal e teológica extraordinária.

Algumas biografias indicam que, nos primórdios da sua vocação, a preferência pelo Carmelo se deveu à dimensão eminentemente mariana e contemplativa da Ordem. Quando tencionava transferir-se para a Ordem da Cartuxa, Teresa de Jesus conquista-o para o seu projeto fundacional, convidando-o a colaborar na reforma do ramo masculino. Ele aceitou o desafio de continuar a usar o hábito e escapulário, na Ordem de Maria, com o estilo de irmandade e recreação de Santa Teresa. Outros pormenores da relação e da presença de Maria na vida do Santo chegaram até nós envoltos em lenda e não são tão relevantes quanto o que os seus escritos recolhem sobre Maria, como reflexo do seu pensamento e da sua vivência mariana.

2.2. Doutrina substancial

Os escritos sãojoanistas relativos a Maria são de grande densidade teológica e espiritual. Entre estas passagens, gostaria de destacar, como uma das mais valiosas, a que nos foi deixada no terceiro livro da **Subida ao Monte Carmelo**: «Eram assim as da gloriosíssima Virgem Nossa Senhora, a qual, estando desde o princípio elevada neste alto estado, [das almas perfeitas] nunca teve gravada na sua alma forma alguma de criatura, nem se moveu por ela, mas foi sempre movida pelo Espírito Santo». (3S 2,10). Recordo-me como o padre Otilio Rodríguez, de feliz memória, dizia que esta citação vale por todo um tratado de Mariologia (citado por Ismael Bengoechea em *Ephemerides Mariologicae* 31 (1981), p. 54).

Esta docilidade ao Espírito Santo, e se me permitem a expressão, este dançar como Maria ao som da música do Espírito, ao ritmo do Espírito, constitui o exercício íntimo que gostaríamos de lhe pedir que nos ensinasse e encorajasse: não querer dançar ao gosto de ninguém, nem mover-nos por outra ambição ou desejo de agradar, ou por medo de não sermos o que os outros esperam de nós. Pedir a Maria esta fidelidade e delicadeza de coração. A Virgem Maria foi elevada desde o início a «este alto estado» de união de amor com Deus; nós, com toda a nossa história, o nosso passado, o nosso percurso, feito de acertos e fragilidades, de fracassos e conquistas, tanto nas dificuldades como na prosperidade, não ficamos presos na negatividade nem bloqueados pela nossa pequenez; abrimos sempre o coração, à porta da gruta, como Elias, ao vento que moveu toda a vida de Maria e fez dela um Jardim, o Carmelo da sua complacência. Invocamos Maria para que nos torne fiéis a um amor, enraizados neste desejo do Espírito de transformar a nossa vida e as nossas comunidades à imagem de Jesus. Verdadeiramente espirituais, marianos, verdadeiros carmelitas.

2.3. Interpelações de grande atualidade

Vivemos uma época desafiante e instável, experimentamos o decréscimo em muitas partes da Ordem e ao mesmo tempo, o crescimento noutras, mas sempre no contexto de uma grande incerteza. Somos chamados a repensar as estruturas e aquilo que, noutros tempos, era considerado imutável. O texto da Declaração sobre o Carisma expressa-o lindamente no número 3: não devemos preocupar-nos tanto com o futuro, mas sim com a

fonte escondida da qual nasce e se alimenta a nossa esperança. Maria ajuda-nos a discernir o que é essencial e o que é relativo neste tempo. Pedimos-lhe luz para sabermos escolher e para sabermos dar um passo em frente ou um passo para o lado.

Vivemos uma época que não nos pede autossuficiências, nem que nos deixemos levar pela nostalgia. São João da Cruz, acima de tudo um buscador da união com Deus, diz-nos que essa união foi sempre impulsionada pelo Espírito Santo. O que é nos faz mover, a nível pessoal e comunitário, de forma preferencial? Também os discípulos estavam com as portas fechadas por medo dos judeus. A tentação do quarto fechado é sempre uma ameaça face à novidade de cada época. E sabemos que os períodos mais fecundos do Carmelo foram precisamente aqueles em que se experimentou mais intensamente a fragilidade, a perda, a perseguição ou a vulnerabilidade. Os nossos santos são mestres em deixar-se mover pelo Espírito nos momentos em que a tentação da fuga se intensificava. O Espírito e Maria pedem-nos uma escuta atenta, escolhas corajosas e não motivadas pelo medo ou pela falta de confiança; convidam-nos a arriscar a audácia da fé, a humildade e a prudência, juntamente com a sabedoria de quem sabe reconhecer quando chegou o momento de empreender um novo caminho, encerrar uma presença ou iniciar uma experiência inovadora com simplicidade. O que nos move e de quem aceitamos a ajuda para discernir? Será que chamamos Espírito Santo ao nosso próprio desejo? Maria, leva-nos pela mão para nos colocares diante do sopro do Espírito, no caminho que nos conduz ao futuro que Ele deseja e sonha para nós.

Nos nossos dias, cresce o desejo e a sede de Deus; percebe-se uma busca sincera de Deus em muitos âmbitos da sociedade e da juventude. Muitas vezes, à sua maneira e à margem dos canais institucionais, muitos aproximam-se dos santuários marianos, atraídos por um «não sei quê». Como poderíamos apresentar-lhes a Virgem Maria como aquela que é sempre Mãe, que viveu em plenitude aquilo que eles procuram e que, quando lhe falam com simplicidade e sinceridade, ela os escuta? Como facilitar esse encontro entre tantos buscadores insatisfeitos e a Virgem Maria nesses lugares onde ela está tão próxima, e encorajá-los a empreender um caminho de interioridade, de espiritualidade, de oração?

A nossa tradição tem honra de afirmar que o Carmelo é totalmente mariano. Queremos ser inteiramente de Maria e transmitir, como seus irmãos e filhos, a aventura, a experiência da oração e da intimidade com Jesus que, neste momento da nossa história, é chamada a renovar-se.

3. Novos passos, com Maria

3.1. Deixarmo-nos guiar pelo Espírito

Na carta que dirigi aos capítulos provinciais, escrevi: «Propomos aos capítulos que incluam no projeto provincial um tema fundamental que consideramos urgente reavivar: a nossa experiência de Deus e da oração mental, tanto pessoal como comunitária. O carmelita é mistagogo de uma experiência vivida». E, depois, pontualizava: «Como

regressar à oração teresiana e ser testemunhas, mistagogos dessa experiência?»

Este novo desafio que lançamos a toda a Ordem toca outra dimensão fundamental da nossa identidade: somos eminentemente orantes, missionários e fraternos. Quando olhamos para o Monte Carmelo, para aqueles nossos primeiros irmãos e para aqueles que seguiram os seus passos na Europa, para além da sua experiência mariana, identificamos como elemento distintivo o facto de terem sido homens de experiência de Deus. Enche-me de esperança pensar que nos estamos a abrir a uma época, em que as discussões ideológicas dão lugar à necessidade de uma comunhão empenhada em voltar a dedicar tempo real, espaço de qualidade e densidade teológica à nossa oração no Carmelo, para que a ensinemos, transmitindo-a, sobretudo pelo exemplo, porque nos veem praticá-la e nos reconhecem como homens de oração coerente.

Com efeito, todo aquele que se deixa conduzir pelo Espírito Santo (Gal 5,16a), como diz São Paulo, penetra no mistério do Deus vivo e verdadeiro. É o Espírito Santo quem nos une a Jesus e, com Ele, nos faz exclamar: «Abba, Pai» (cf. Gal 4,6; Rom 8,15-17). Formados especialmente por Teresa de Jesus, somos depositários de um tesouro de experiência no trato de amizade com Aquele que sabemos que nos ama (cf. V 8,5). E como podemos guardar um bem tão precioso só para nós, se hoje tantos o anseiam com urgência?

3.2. Permanecer em oração, com Maria

Para transmitir este tesouro que é a oração, não basta dar cursos sobre a arte de orar. É preciso ser, em primeiro lugar, homens e mulheres de oração, tanto a nível pessoal como comunitário. Um carmelita regressa constantemente ao silêncio da Casa de Nazaré, onde Maria e José só têm olhos para Jesus: amam-No, adoram-No e contemplam-No. Deste lar e desta Sagrada Família, nós, os Carmelitas de Santa Teresa, herdámos o ideal de Nazaré, tendo José e Maria, como mestres da intimidade com Jesus na vida quotidiana (cf. V 32,11). O mesmo nos ensinou o irmão Lourenço da Ressurreição, a viver esta relação com Jesus, seja na cozinha ou em qualquer tarefa. Presença ardente, que nos faz apaixonar. Com Maria (At 1,14), preparamo-nos para um novo Pentecostes no Carmelo, aquele que ela nos quer oferecer.

No Monte Carmelo, nestes dias, senti fortemente a confiança em Maria e o impulso para confiar como ela, diante do futuro, sabendo que Deus abrirá os caminhos que estamos prestes a enfrentar, com a simplicidade e a alegria de quem se sabe sustentada e movida pelo Espírito. Convido-vos a acompanhar-me, pobres e corajosos, nesta confiança, rendidos ao olhar de Maria, dando graças por esta solenidade com todos vós, meus irmãos e irmãs.

UMA FELIZ FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO!

Stella Maris, Haifa, 16 de julho de 2026

Férias orantes

Descanso em tempo de Esperança

📅 **3 a 8 agosto 2026**

📍 **Convento de Auessadas** (Marco de Canaveses)

Orientado por: P. Agostinho Leal, OCD

Padres Carmelitas Descalços

Convento de Auessadas

Marco de Canaveses

☎ 255 538 150 (*Chamada para rede fixa nacional*)

📱 926 750 816 (*Chamada para rede móvel*) e whatsapp

✉ avessadas@carmelitas.pt



*«Oh dulcíssimo amor de Deus,
mal conhecido!*

Quem o encontrou, descansou!»

SÃO JOÃO DA CRUZ – DITOS DE LUZ E AMOR, 16.

Mensagem por ocasião da Solenidade de Nossa Senhora do Carmo

P. Vasco Nuno

Queridos irmãos e irmãs da Família Carmelita – frades, monjas, seculares, membros dos grupos de oração tere-siana e todos quantos, de múltiplas formas, partilham o carisma do Carmelo:

Na Solenidade de Nossa Senhora do Carmo, uno-me a cada um e cada uma de vós com o coração agradecido e fraterno, para elevar convosco ao Senhor uma acção de graças pelo dom da nossa vocação e pela presença materna de Maria no caminho da nossa vida pessoal, familiar e comunitária.

Hoje, escrevo-vos como Superior Provincial, mas, sobretudo, como irmão entre irmãos, peregrino da mesma esperança, filho da mesma Mãe e participante da mesma graça que, desde há séculos, faz florescer no mundo o espírito do Carmelo. Desejo, por isso, dirigir-me a todos com simplicidade e verdade, deixando-me também eu interperlar pela mensagem que esta Solenidade nos oferece.

Ao contemplarmos Nossa Senhora do Carmo, vemos a Padroeira que veneramos, sim; e contemplamos maravilhados a Mulher que escuta, que guarda e acolhe no coração a Palavra, permanecendo, inteiramente, disponível à vontade de Deus. Nela, descobrimos a síntese perfeita do ideal carmelita: uma vida centrada em Deus, alimentada pela oração, moldada pelo silêncio interior e traduzida numa caridade concreta e generosa em favor dos nossos irmãos.

Neste tempo que nos é dado como regalo e dom, marcado, porém, por tantas inquietações, dispersões e incertezas, Maria convida-nos a regressar ao essencial. Anima-nos a subir, novamente, insistentemente, o monte da interioridade para aí encontrarmos Aquele que dá sentido a todas as coisas. Chama-nos a renovar a nossa confiança em Deus, mesmo quando os horizontes parecem obscurecidos e os frutos do nosso trabalho tardam em aparecer. Mesmo quando o cansaço nos recomenda desistência.

A Festa do Carmo é, também, uma ocasião privilegiada para nos perguntarmos até que ponto o nosso modo de viver manifesta realmente a beleza do Evangelho e a riqueza do carisma que recebemos. Somos chamados a ser homens e mulheres de oração, mas também homens e mulheres de comunhão; pessoas enamoradas de Deus, mas, igualmente, próximas dos irmãos e irmãs; contemplativos que sabem reconhecer a presença do Senhor nas alegrias e sofrimentos da humanidade.

Sinto que esta interpelação me é dirigida em primeiro lugar. Também eu sou convidado a renovar, diariamente, o meu «sim», a deixar-me transformar pela Palavra, a crescer em disponibilidade para o serviço e a cultivar um coração cada vez mais fraterno. A maternidade espiritual de Maria é um dom que agradecemos e celebramos, é uma escola de ternura onde todos continuamos a aprender permanentemente.



A todos convido, por isso, que nesta Solenidade nos sintamos verdadeiramente uma só família, unida bem para além das distâncias geográficas, das diferentes formas de vida e das diversas missões que realizamos. Que a riqueza das nossas vocações não seja motivo de separação, mas expressão da multiforme beleza do Espírito que actua no Carmelo!

Confiemos a Nossa Senhora do Carmo as nossas comunidades, as nossas fraternidades, os nossos idosos e doentes, os jovens em discernimento, as famílias, os benfeitores e todos quantos se recomendam às nossas orações! Peçamos-lhe que nos acompanhe, nos preserve na fidelidade ao Evangelho e nos ajude a permanecer sempre junto de Cristo, fonte e meta da nossa esperança!

Que Maria, Irmã, Mãe e Rainha do Carmelo, nos ensine a viver com um coração contemplativo, humilde e disponível; que nos conduza cada vez mais a seu Filho; e a sua protecção materna nos fortaleça no caminho da santidade e da missão!

A todos, desejo uma santa e feliz Solenidade de Nossa Senhora do Carmo!

Paternalmente e em comunhão de oração,
P. Vasco Nuno,
Provincial e vosso irmão no Carmelo

A longevidade como bênção na Bíblia

Armindo Vaz, OCD



Simeão com o Menino Jesus no Templo
Rembrandt Harmenszoon van Rijn, 1669
Nationalmuseum, Estocolmo

Os anciãos bíblicos ofereciam um abençoado patamar de experiência, donde se podia obter uma vista global com esperança. Até o «Deus dos pais» acreditado pelos anciãos contribuía para essa unidade. Porque o ser humano é sempre *herdeiro* que pode dar por ter recebido...; e porque muito do que é tem um passado (especialmente porque os avós e a família lhe deram a existência), uma das maiores responsabilidades da família (em que não faltavam os idosos) era a transmissão da fé no «Deus dos vossos pais» (Ex 3,16) para construir o futuro sempre interligado ao passado e ao presente. Esta transmissão era feita espontaneamente, na vida vivida. Mas, porque era tão importante, era feita por meio da bênção, de forma mais solene imediatamente antes de o patriarca da tribo ou da família morrer. A bênção (*berakhá*) era a força vital e o poder salvador que a fé via a descer de Deus para as pessoas (e animais: Gn 1,22.28). Era o divino a fecundar o humano. Era sempre acção, dom e graça de Deus que O tornava presente na vida e interpretava a experiência crente. Mas podia ser ministrada pelas pessoas mais velhas, pelos avós, pelo ancião..., que então, por concessão divina, transmitiam a força salvadora expressa numa vida longa e vigorosa, em numerosa descendência, na paz, na segurança: nesse caso, a palavra e o gesto 'sacramental', de modo eficaz, comunicavam Deus aos humanos, o Deus que abençoava a sua esperança. A bênção tinha sempre como fundamento a protecção de Deus. Por exemplo, o patriarca Jacob, ao abençoar os doze filhos, os doze pilares do futuro povo de Israel, transmitia a bênção de Deus, por incumbência e pela grande idade; aparece agora num texto que reflecte a riqueza da futura tradição do povo (Gn

49); neste caso é particularmente augúrio de coisas boas e favoráveis, desejo de prosperidade e bem-estar (cf. J. A. M. PALOS, "A bênção na Bíblia e na liturgia judaica", *As bênçãos* [Secretariado Nacional de Liturgia; Fátima 1996] 11-34).

Dentro da visão bíblica que ligava os bens da vida a uma bênção de Deus, a velhice feliz do justo «cheio de dias» era considerada, ela própria, bênção de Deus (ser abençoado equivalia a participar espiritualmente da vida de Deus): a velhice hoje em dia é medicada, nos tempos bíblicos era abençoada. A vida longa e serena era considerada recompensa de Deus pelas boas acções do justo: «Os justos florescerão como a palmeira... Até na velhice continuarão a dar frutos e hão-de manter a seiva e o frescor». A bênção de Deus aparece como a linfa vital do ancião. Nela encontram-se e entrelaçam-se a presença divina com a condição humana. A bênção dava profundidade e altura à longa parábola da existência terrena do ancião, que, precisamente por meio da bênção, também se tornava parábola para a comunidade: «Abençoar-te-ei; engrandecerei o teu nome; e tu serás bênção... Por ti serão abençoadas todas as famílias da terra» – diz Deus ao velho Abraão (Gn 12,2-3; 18,18; 22,18; 26,4; 28,14), significando que por intermédio da sua pessoa, dos seus gestos e da sua palavra, qual sacramento, a bênção de Deus chegaria a todas as pessoas que se acolhessem sob o seu nome. O ancião justo era a encarnação do céu nas tendas do homem bíblico.

Esta visão bíblica, religiosa, tinha subjacente o suposto humano de que o bem e a justiça têm sempre o aval e a suma aprovação de Deus. Longevidade e bênção divina estavam entretrecidas. «A longevidade não era considerada

fruto de condições biológicas, como a higiene e o exercício físico, mas fruto de uma vida racional e razoável" (L. ALONSO SCHÖKEL – J. VILCHEZ, *I Proverbi*: citado por G. RAVASI, "La morte del vecchio sazio di giorni", *La morte e il morire* [PSV 32; EDB; Bolonha 1995] 31). Esta tese é defendida no salmo sapiencial 91, que põe Deus a assegurar protecção ao justo: "Hei-de saciá-lo com longos dias de vida" (v. 16). Já o decálogo garantia que honrar os pais assegura que Deus «prolongue os teus dias» (Ex 20,12). A escuta e a prática da sabedoria, transmitida pelos pais e pelos sábios «acrescentam longos dias, anos de vida e prosperidade» (Pr 3,1-2; 4,10; 9,11). Essa tese também ficou formulada num provérbio: «O temor reverencial do Senhor prolonga os dias» (Pr 10,27). O

sábio Ben Sira (chamado *Eclesiástico* no cristianismo latino) reafirma a ligação entre alegria, paz, prosperidade e longevidade, numa adesão pessoal a Deus, cheia de reconhecimento: "Quão bela é a sabedoria nas pessoas de idade avançada!... A experiência consumada é coroa dos anciãos e o temor do Senhor é a sua glória" (Sir 25,4-6). Nestas formulações proverbiais, que concentram a sapiência multissecular e refinada de um povo, entram as metáforas: "Os cabelos brancos são esplêndida coroa que se encontra no caminho da justiça" (Pr 16,31). O ancião Job afina pelo mesmo diapasão: "Nos cabelos brancos está a sabedoria; e na longevidade está a inteligência" (12,12). Quem "odeia a avareza prolongará os dias" (Pr 28,16).

Ano Jubilar de São João da Cruz

Armindo Vaz, OCD

João da Cruz, poeta «a lo divino»

Em que poeta, por original que seja, não concorrem várias influências literárias? Ele alimenta-se do que a vida lhe oferece (do que lê e do que medita, do livro que o acaso lhe pôs nas mãos, do passageiro e do permanente, do antigo e do contemporâneo), para o oferecer ao mundo convertido em obra de arte. Tudo deixa vestígios na sensível e virginal nervura da sua alma. Mas a matéria recebida é por ele fundida de maneira prodigiosa no próprio contributo, original: com a imaginação em flecha, com a fina sensibilidade, com as fibras que ao amor respondem.

Também assim foi com João da Cruz, padroeiro dos poetas espanhóis. Ora, uma das fontes da sua inspiração poética foi a poesia popular e tradicional que cantava o amor humano. No séc. XVI, o século de ouro espanhol e século de João da Cruz, a poesia caracterizava-se por um fenómeno que penetrou no séc. XVII e não era só espanhol: era o dos poetas «a lo divino». Faziam a conversão de poemas de amor humano a um sentido religioso; vertiam-nos 'à moda do divino', retocando ou mudando só poucas palavras do núcleo inicial. João da Cruz, com especial predilecção pela poesia profana, usou abundantemente este recurso: cruzando e fecundando o poema humano com a simbólica própria da poesia, dava-lhe nova vida, reorientava-o 'para o divino': fazia-o parar no divino. A sua obra poética inseria-se nessa grande corrente de divinização do amor humano: é resultado dela (é significativo que também S. Teresa de Jesus, que tinha direcção espiritual do santo, adaptasse canções tradicionais ao plano divino). Dizem os estudiosos de João da Cruz que tudo o que na sua poesia não procede do bíblico Cântico dos Cânticos provém da elevação da poesia tradicional amatória profana ao nível do divino. Poesias inteiras do santo respiravam pelos pulmões de composições profanas (algumas coplas, *O pastorinho*...). Situado dentro desse grande movimento de divinização do sentido de poemas humanos e inflamado da viva experiência de Deus, João da Cruz pegou no mais sublime poema de amor que a tradição bíblica lhe oferecia (o Cântico dos Cânticos) e cujo sentido a tradição posterior já tinha divinizado e continuou o processo da divinização do seu sentido originariamente humano. Isto que ele fez com um poema da Humanidade



(bíblico) fê-lo igualmente com breves poemas espanhóis. Nessa refundição da literatura profana ao plano religioso, o santo dinamizava – elevava ainda mais – o amor humano, mobilizando-o, numa tensão positiva, para o amor divino. Com essa dinamização e transposição, não beneficiava o divino; promovia o humano e o sentido do humano – tanto que, por exemplo no *Cântico Espiritual*, não traduziu para o divino os nomes das personagens, não chamando Jesus ao Amado... Embora mantendo as mesmas palavras, o poema ficava carregado de espiritualidade e de mística e de outros conteúdos: falava outra linguagem.

A que se deve este fenómeno? Sendo inefável a experiência mística do amor de Deus para com os humanos, o místico, para a comunicar, recorre a imagens, especialmente do amor humano. A poesia humana foi posta ao serviço do amor divino: a partir do humano penetrava na esfera do divino, sem se fundir ou confundir com ela. Era remissão de tudo para Deus, visto pelo místico a encher toda a vida humana; era tentativa de divinizar a vida.

Nem vale a pena taldar este fenómeno literário com a sombra do plágio. Na poesia «a lo divino», nos séculos XV-XVII, não podia existir a noção de *plágio*: a intenção era a de oferecer mais um ramo de flores ao divino, pessoal. Se fosse plágio, o poeta plagiaria a partir de quem? É que, pela mesma razão, também não existia propriedade literária: o poema que se oferecia ao poeta dava-se como anterior a ele, inserido na vaga poética que se fundia no largo rio da anónima tradição e da espiritualidade, herança humana que corria para o mar do divino; era a fé em onda de transmissão.

Em breve havemos de sentir o perfume de uma poesia «a lo divino».

Férias orantes

Avessadas, 3 a 8 de agosto de 2026



Os Padres Carmelitas de Avessadas promovem, de 3 a 8 de agosto, uma proposta de férias diferente, destinada a quem deseja conjugar descanso, oração e convívio fraterno. Os participantes são convidados a caminhar, rezar e descansar aos pés do Menino Jesus, num ambiente marcado pelo silêncio, pela amizade e pelo encontro. A iniciativa será acompanhada pelo P. Agostinho dos Reis Leal, OCD, proporcionando momentos de reflexão, partilha e crescimento espiritual. [🔗](#)

«Into the Light», proposta para jovens

Fátima, 5 a 9 de agosto de 2026



O Santuário de Fátima promove, de 5 a 9 de agosto, a iniciativa “Into the Light”, destinada a jovens entre os 18 e os 25 anos. O programa propõe cinco dias de oração, reflexão, voluntariado e convívio, inspirados na espiritualidade de Fátima e na mensagem do Evangelho. A experiência pretende ajudar os jovens a aprofundar a relação consigo próprios, com Deus e com os outros, num ambiente de simplicidade e partilha. As inscrições já estão abertas e incluem alojamento, refeições e materiais. [🔗](#)

Semana Bíblica 2026

Fátima, 28 a 30 de agosto de 2026



A 48.ª Semana Bíblica Nacional vai decorrer de 28 a 30 de agosto, no Centro Bíblico dos Capuchinhos, em Fátima, reunindo biblistas, teólogos, religiosos e leigos para refletir sobre o tema “São Francisco e a Palavra de Deus”. Promovida pelos Franciscanos Capuchinhos, a iniciativa pretende aprofundar a forma como São Francisco de Assis acolheu, viveu e anunciou a Sagrada Escritura, evidenciando a atualidade da sua espiritualidade num mundo marcado por desafios sociais, ambientais e humanos. O programa integra conferências, momentos de oração, celebrações litúrgicas e espaços de diálogo, abordando temas como a centralidade da Palavra de Deus, a criação, a fraternidade, a paz e a missão da Igreja. A organização pretende proporcionar uma oportunidade de formação bíblica acessível a todos os interessados, incentivando uma leitura renovada da Bíblia à luz do testemunho franciscano e da vivência cristã contemporânea. [🔗](#)

SALIÊNCIAS

José Manuel Cruz



Saliências, de José Manuel Cruz, reúne reflexões que convidam o leitor à escuta, ao diálogo e ao crescimento humano e espiritual. Partindo da memória e do legado de Frei João d'Ascensão, o autor propõe uma leitura atenta da realidade, onde a fé, a razão e a experiência quotidiana se encontram e desafiam mutuamente. Com uma escrita clara, exigente e profundamente humana, aborda temas como a presença de Deus, a missão da Igreja, a importância de saber ouvir antes de falar e a necessidade de construir pontes entre crentes e não crentes. Mais do que encerrar um ciclo de investigação sobre Frei João d'Ascensão, esta obra constitui um convite à renovação pessoal e comunitária, oferecendo ao leitor uma palavra que inspira, interpela e acompanha o caminho da vida e da fé.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrô

A expressão do inefável na poesia de S. João da Cruz. O artigo analisa como São João da Cruz recorre à linguagem poética para expressar a experiência mística, por natureza inefável. Inspirando-se em tradições bíblicas, clássicas e renascentistas, o santo amplia o significado das palavras através de imagens, metáforas e símbolos, tornando comunicável o encontro com Deus sem esgotar o seu mistério. [🔗](#)

A «construção da cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos» na «Magnífica Humanitas». Partindo da encíclica *Magnífica Humanitas*, o artigo reflete sobre o desafio de construir uma sociedade onde Deus e a humanidade habitem juntos. Em contraste com a lógica de Babel, marcada pelo poder e pela autossuficiência, propõe uma cultura de comunhão, dignidade e fraternidade, na qual o progresso tecnológico esteja ao serviço da pessoa humana e do bem comum. [🔗](#)

A urgência de deixar-se habitar pelo Amor. Ana Paula Capão defende que a sociedade vive uma crise de solidão e perda de sentido, agravada pelo individualismo e pela hiperconectividade. Inspirada em São João da Cruz, propõe o Amor, a fé e a reconciliação como caminho para restaurar os laços humanos e renovar a esperança. [🔗](#)



Curso ACOMPANHAMENTO

I PARTE . FUNDAMENTOS DO ACOMPANHAMENTO

1º Módulo

A dinâmica do acompanhamento espiritual 13-15 nov.2026

2º Módulo

Acompanhamento e psicologia 15-17 jan.2027

3º Módulo

Acompanhamento espiritual na vida eclesial 19-21 fev.2027

II PARTE . ACOMPANHAMENTO AO LONGO DA VIDA

4º Módulo

Ao longo das idades
16-18 abr.2027

5º Módulo

Acompanhamento
segundo as vocações
e estados de vida
21-23 mai.2027

PARTICIPAÇÃO

Presencial | on-line

INSCRIÇÃO Domus Carmeli

R. Imaculado Coração de Maria, 17

2495-441 FÁTIMA

Tel. 249 530 650 [chamada para a rede fixa nacional]

WhatsApp: 922 298 665 - apenas mensagens escritas
[chamada para a rede móvel nacional]

centromariano@domuscarmeli.net

www.domuscarmeli.net



Domus Carmeli

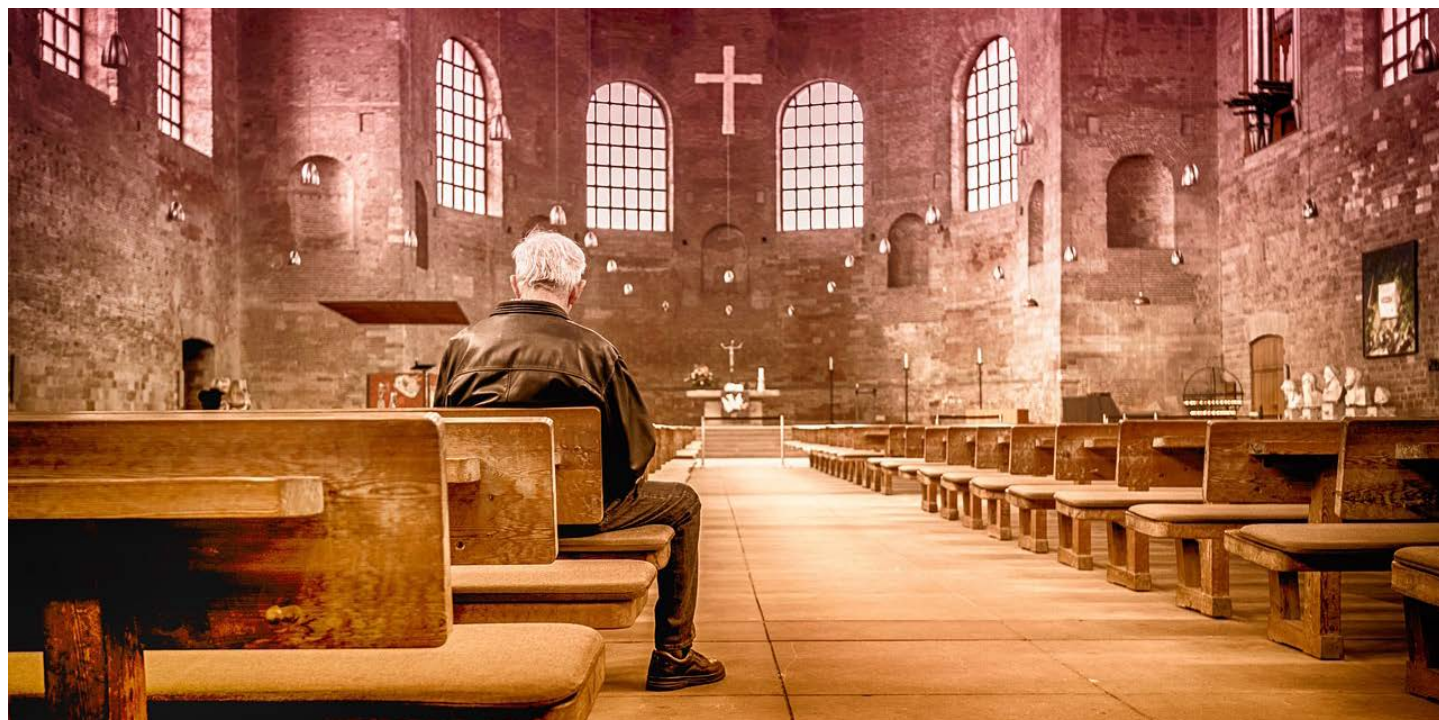
Ordem dos Carmelitas Descalços, Fátima

A caminho de Emaús
ivankademchuk.com



«Eu estou contigo, basta-te a minha graça»

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: TheDigitalArtist, pixabay.com

Querida Amiga

Fiquei contente por partilhares a tua oração comigo e me convidares a rezar a contigo o versículo de Isaías 41. Entendo que a palavra: «Eu estou contigo» tenha ressoado no teu coração como um sinal da presença de Jesus. Sim, de facto Ele está sempre contigo. Jesus é a oração de Deus em ti.

Como me convidavas a rezar contigo, fui rezando e senti no meu coração que o versículo de Isaías reclamava uma outra Palavra, uma palavra que nos sustente no caminho, que nos faça reconhecer, na fé, esta presença de Deus, no meio do turbilhão da vida. Fui rezando, fazendo silencio e escutando o murmúrio do Espírito Santo e Ele deu-me a Palavra que procurava: «Basta-te a minha graça». Agora a realidade estava completa, vê: «Eu estou contigo», «Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se manifesta» (2Cor 12,9).

Repara que isto é o mesmo que o anjo diz a Maria: «Cheia de graça o Senhor está contigo». Agradeço a Deus a graça que Ele derrama sobre cada uma de nós, sobre cada homem e mulher, porque é esta graça que faz de cada um de nós oração de Deus. Hoje, quero agradecer contigo, a Deus, a oração que cada pessoa é quando se abre à sua presença.

Agradeço a tua confiança e a abertura que sentiste para partilhar as tuas dúvidas na oração. E neste clima vou-te dizer algo do que para mim é ser oração de Deus.

A oração de Deus em nós é a palavra que Ele pronuncia sobre nós. Uma palavra criadora no amor. A oração é sempre nova criação no amor e se deixarmos que a oração de Deus em nós penetre o nosso coração, permitimos que Deus olhe para nós e contemple a obra das suas mãos, o excesso da Sua Bondade sobre nós e veja que: “Foi tudo

muito bom”! A oração de Deus em nós é, na verdade, um acto de amorosa recriação de todo o nosso ser, o que significa que é expressão da bondade e do louvor. A oração de Deus em nós é exaltação da sua bondade e do seu Amor, porque só Ele é bom e só a Ele é devido o louvor! Ao rezar em nós Deus faz-nos participantes do seu Ser, faz-nos de novo, recria-nos tornando-nos mais transparência do seu Amor.

A palavra que Deus diz sobre nós é oração de Deus em nós. Deus pronuncia uma palavra sobre nós, com a qual nos dá a Sua Vida. Essa palavra é «viva, eficaz e mais afiada que uma espada de dois gumes; penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração. Não há nenhuma criatura oculta diante Dele, mas todas as coisas estão a nu e a descoberto aos Seus olhos» Heb 4, 12-13. Assim é a oração de Deus em nós: viva, eficaz e penetrante.

A imagem da oração de Deus em nós é a da chuva – a chuva que cai serenamente e empapa a terra, transformando-a, tornando-a fecunda e enchendo-a de fruto.

O Profeta Isaías diz-nos isso mesmo acerca da forma como Deus se reza em nós. Escutemos de coração aberto:

«Como a chuva e a neve descem do céu
E não voltam para lá,
Sem terem regado a terra,
Tornando-a fecunda e fazendo-a germinar,
Dando semente ao semeador e
Pão ao que come,
Tal ocorre com a palavra que sai da minha boca:
Ela não volta a mim sem dar fruto,
Sem cumprir a minha vontade,
Sem realizar a missão para a qual a enviei».
(Isaías 55, 10 -11)

O que faz Deus quando reza em nós?

Ama-nos, isto é, dá-nos o Seu Espírito. O Espírito que vivifica e inspira toda a palavra, que nos faz clamar Abbá-Pai. Na interioridade do nosso ser, no profundo da alma, o Espírito dá testemunho ao nosso espírito que nós somos filhos de Deus.

Ao rezar em nós, no nosso ser e na nossa vida, Deus está a fazer-nos entrar em comunhão com Ele e a receber em nós a sua própria vida, por isso, nós não acreditamos que Deus reza em nós porque nos dizem, mas porque pela fé o experimentamos.

Experimentamos a presença do Espírito que nos faz conhecer a acção de Deus em nós e reconhecer que Ele está em nós, como Aquele que nos dá a vida, como Aquele que é nosso Pai. E o nosso espírito, ao escutar a Palavra que o Pai pronuncia sobre nós, ao encontrar-se com a vida com que Ele nos sustenta e nos faz participar do Seu Ser, isto é, com que Ele se reza em nós, clama Abbá-Pai.

Nós reconhecemos a Deus como nosso Pai, porque o Espírito de Deus, o Espírito de Amor, no-IO faz reconhecer interiormente pelo amor com que somos amados. O Espírito toca o nosso espírito com este Amor que é Deus e ao tocar infunde em nós a certeza de que Deus é nosso Pai.

Deus ao rezar em nós faz sempre a mesma oração. No seu amor infinito, Ele diz-nos sempre a mesma coisa, porém de forma sempre nova. Ao entrar no santuário interior de cada homem e mulher, de cada um de nós, Deus reza assim: «Tu és meu filho eu hoje te gerei» (Sl 2,7). Esta oração de Deus, no nosso interior, é de sempre e para sempre, é eterna.

Deus sempre nos dirá: «Tu és meu Filho», a novidade estará na entrada da eternidade no tempo: «Eu hoje te gerei». É o eterno presente de Deus na nossa vida, a eterna presença de Deus na nossa história, a atuação divina de Deus no nosso coração e em todo o nosso ser.

«Tu és meu Filho Eu hoje te gerei»:

Eu hoje te torno mais semelhante a Cristo, o primogénito de muitos irmãos;

Eu hoje te «meto dentro» da comunhão de vida e amor que vivemos no Seio Trinitário;

Eu hoje te uno ao Verbo Eterno e tu és a minha Palavra em quem ponho as minhas complacências;

Eu hoje te configuro com Cristo e tu és o meu enviado, aquele a quem entrego por amor, para resgate de muitos;

Eu hoje amo-te e porque te amo transformo-te em amor, para seres a minha presença no meio do mundo.

O hoje de Deus é precisamente a novidade do amor com que cada dia nos faz novos. Novos no plano de sermos

Seus filhos em Cristo, novos no plano de sermos «outros Cristos», outros filhos muito amados em quem o Pai põe as suas complacências.

O hoje de Deus é o ritmo da oração de Deus. A oração de Deus consiste sempre em dizer ao nosso coração, no segredo da interioridade e na profundidade da intimidade, «Tu és meu filho».

A expressão «Eu hoje te gerei» é para nos inserir na confiança e no abandono total à acção do seu amor. Para que Ele realize em nós a sua vontade, dê fecundidade divina à nossa vida, isto é, sejamos canais de graça e assegnore o êxito da missão para a qual nos enviou.

A oração em Deus e de Deus em nós é este diálogo de coração a coração: Vida a vida; entrega a entrega; amor a amor, até Deus ser tudo em nós e nós sermos de todo em Deus.

Para sintetizar toda esta caminhada — a **terra** que recebe a **chuva**, a **geração do Filho** no silêncio e a **eficácia da Palavra** que transforma a alma em Deus — há uma citação de **São João da Cruz que se encontra** nos seus *Avisos e Sentenças* (Ditos de Amor e de Luz, 99), que diz tudo:

“Uma palavra falou o Pai, que foi seu Filho, e esta fala sempre em silêncio eterno, e em silêncio deve ser ouvida pela alma.”

Por que esta frase sintetiza tudo?

- 1. A Única Palavra (O Salmo 2):** S. João da Cruz confirma que a oração de Deus em nós não são muitas frases, mas uma só: o **Verbo**, o Filho. É o “*Tu és meu Filho, hoje te gerei*” tornado substância em ti.
- 2. O Silêncio Eterno (Os Caminhos Altos):** Esta palavra não pertence à lógica humana ruidosa; ela habita nos “pensamentos que estão acima dos nossos” (Isaías 55). Só se escuta quando a nossa terra silencia as suas próprias vozes.
- 3. A Eficácia (Isaías 55):** Ao dizer que ela “fala sempre”, o Santo indica que a oração de Deus em ti é incessante e eficaz como a chuva. Ela não para, ela não volta vazia; ela está constantemente a gerar o Filho no teu centro profundo.

Ao guardares esta frase, guardas a chave da tua identidade: **és o lugar onde o Pai nunca para de pronunciar o Filho. És oração de Deus.**

Rezamos juntas: Obrigada, Senhor, porque hoje Tu voltas a dizer-nos: «Eu estou contigo. Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que a minha força se manifesta».

”

A oração em Deus e de Deus em nós é este diálogo de coração a coração: Vida a vida; entrega a entrega; amor a amor.

Três perguntas e... mais uma

Sobre o livro "Rosas Perfumadas"

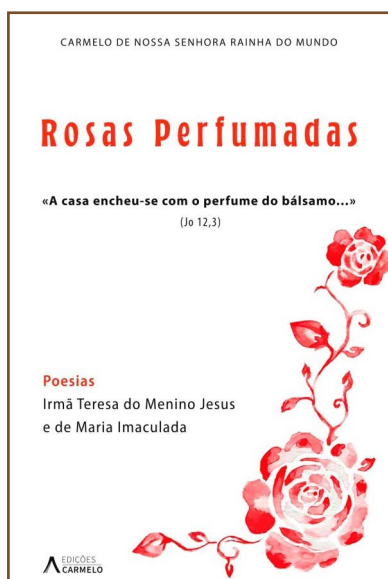
1. Queridas Irmãs do Carmelo de Nossa Senhora Rainha do Mundo, em Faro: quem foi Teresinha, a Irmã Teresa do Menino Jesus, autora destas *Rosas Perfumadas*?

A Irmã Teresa do Menino Jesus e de Maria Imaculada é uma Irmã que entrou no Carmelo do Coração Imaculado de Maria, no Porto, e que fez parte do grupo das Irmãs Fundadoras deste Carmelo, no Algarve, fundado no dia 13 de Julho de 1976. Teresinha foi uma verdadeira filha de Santa Teresa de Jesus. Deixou-nos muitos bons exemplos de virtude confirmada no seu compromisso com a vida fraterna desta Comunidade que tanto amou, dando assim testemunho duma vida interior muito profunda. Foi sempre muito alegre, disponível e generosa. Sempre com um olhar de fé sobre os acontecimentos da Igreja e da Comunidade. Foi uma boa Conselheira, não só na nossa própria Comunidade, como também para os familiares e amigos.

Sendo muito centrada na pessoa de Jesus, amava muitíssimo Maria, como sua Mãe e guia espiritual, assim como os nossos Santos Fundadores.

A partir de certa altura, Santa Teresinha ganhou um lugar especial na sua vida de entrega como esposa de Jesus no Carmelo e percorreu, de mão dada a ela, o seu *caminhito* da total confiança e abandono no Amor Misericordioso de Jesus.

2. Por qual razão a Irmã Teresa do Menino Jesus e de Maria



ROSAS PERFUMADAS

(Edições Carmelo)

PVP 12,00€



Autora: Irmã Teresa do Menino Jesus

Imaculada escreveu estes poemas?

Teresinha escreveu estas poesias porque sentiu necessidade de partilhar as inspirações que lhe ardiam no seu coração. Desta forma, ela ia ao encontro das suas

Irmãs, de Sacerdotes e de Amigos com uma mensagem de Deus para um momento importante que essa ou aquela pessoa estivesse a viver. Dessa forma, através desses poemas, ela levava uma alegria, levava paz e serenidade a quem recebia aquele poema...

3. Santa Teresa costumava dizer que no meio das panelas também anda o Senhor. E, agora lhes pergunto: e no meio da poesia, também?

Sim, a poesia brotava-lhe, muitas vezes, espontaneamente do seu coração. O que reparámos é que no *meio das panelas* ou com a vassoura na mão, a Irmã ia escrevendo num papelinho aqui, outro ali, e, depois, compunha o poema, quando o tempo lho permitia. Outras muitas vezes a inspiração vinha-lhe da leitura e meditação da Palavra de Deus ou durante a oração.

... e 4. Qual o motivo da publicação deste livro?

Como sabem os leitores do Boletim de Espiritualidade, o Carmelo de Nossa Senhora rainha do Mundo, em Faro, está a celebrar o jubileu dos 50 anos de Fundação. Esta efeméride é para nós uma grande alegria! Pensando nela pensámos partilhar estas *Rosas Perfumadas* para que mais irmãos e irmãs aspirassem o perfume nelas contido e assim se espalhe até aonde Deus quiser. A sua leitura, oxalá, seja como aspiração do perfume e, assim, todos possam celebrar connosco as nossas Bodas d'Oiro! Muito obrigada.

EDIÇÕES
CARMELO

Livros

Revistas

Multimédia

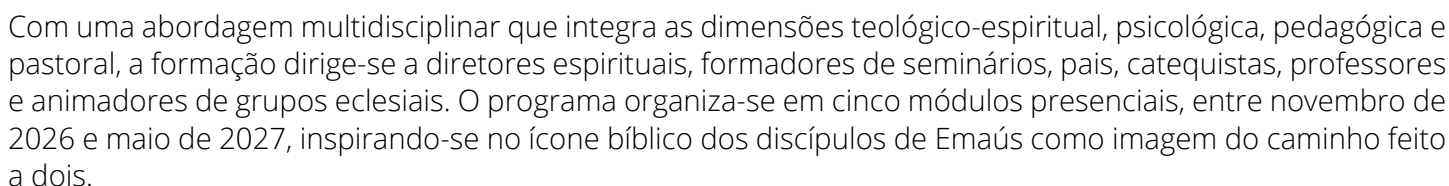
eBooks

Outlet

Pagelas



Início a 13 de novembro de 2026



A primeira fase, composta pelos três módulos iniciais, aprofunda os fundamentos bíblicos e antropológicos do acompanhamento, a sua relação com o Magistério da Igreja e o diálogo com a psicologia, sublinhando também a importância do discernimento sobre o encaminhamento para técnicos especializados. Será ainda dado destaque ao contributo de grandes mestres da espiritualidade, como Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz e Santa Teresinha do Menino Jesus.

Na segunda fase, a formação centra-se em dimensões práticas, acompanhando as etapas da vida humana: da infância ao discernimento vocacional na juventude, até ao acompanhamento no envelhecimento. O curso encerra com uma reflexão sobre os diversos estados de vida, abrangendo casais, leigos celibatários, sacerdotes e consagrados, reforçando a ideia de que ninguém deve caminhar sozinho.

Entre aulas, dinâmicas de grupo e momentos de oração no Carmelo de São José, os participantes serão preparados para serem servidores da esperança, contribuindo para uma Igreja mais fraterna e verdadeiramente sinodal.

A Igreja Católica, fiel ao seu compromisso de ser uma “comunidade de acompanhamento”, acolhe em Fátima uma nova proposta formativa de relevo. Os Carmelitas Descalços apresentam o Curso *Acompanhamento* para o ano pastoral 2026-2027, uma iniciativa a realizar-se na casa Domus Carmeli, que visa sensibilizar e capacitar os cristãos para a missão de caminhar com o outro na escuta, no discernimento e na proximidade.

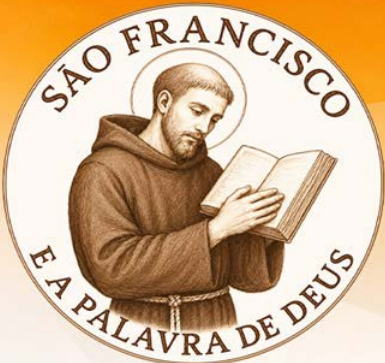
Assente na convicção de que Deus é o primeiro acompanhante da humanidade, que em Jesus Cristo e no Espírito Santo se faz próximo de cada pessoa, o curso propõe-se qualificar o serviço de homens e mulheres disponíveis para acompanhar vidas com humildade, maturidade humana e generosidade.

48^a SEMANA BÍBLICA NACIONAL

Encontro, reflexão e transformação
através da Palavra de Deus.

28 a 30
de agosto de 2026

FÁTIMA



TEMA:
*“São Francisco
e a Palavra de Deus”*

LA CUEVA DE SAN JUAN DE LA † Maria, a Graciosa Mãe

Frei João Costa, OCD



1. Homem e filho não há sem mãe. Tal como não há cristão nem santo sem Mãe. Assim como o botão da rosa sobressai, assim o cristão.

Pode uma mãe ser mãe de muitos filhos, muitos mesmo, mas o modo como ela ama cada um e a cada um cerca de amor é sempre irrepetível. Dizem que Deus criou as mães quando quis prolongar os milagres. Concedo e convicto acedo: sem mães acabavam-se os milagres no nosso mundo. Que milagre não é a geração duma nova vida no secreto segredo do seio materno! Haja tumulto ou não no seu coração, que milagre não é! Que milagre não é cada nascimento, cada filho ou filha despertando para a vida, abrindo o olhar de espanto e balbuciando mamã, papá! Que milagre não é aprender a reconhecer a graça e os perigos pela mão da mãe e da avó! Que milagre não é os sonhos novos dos jovens, o despontar de novas mamãs e novos papás! Que milagre não é que alguns, para alegria das gentes e júbilos dos anjos e santos, se instaurem como fonte de bênção eterna!

Pode uma mãe ter muitos filhos, sim, mas um a um ela os foi vagarosamente tecendo em seu seio, cada um foi chamando à vida, cada um saciando da abundância do seu peito, cada um e cada uma, segundo as necessidades, pela mão e com o olhar, ela os vai amparando pelos caminhos que levam ao rio e pelos trilhos de montanha. A mãe é assim mesmo: ama o filho que tem na alcofa e o que a horas certas sai para trabalhar; ama o que está doente e ama o que está forte e é ousado; ama e encoraja o que se atrasa e ama o que se adia em sonhas. Ama o que ainda

não nasceu e ama aquele que a fez avó. Ama. Porque é mãe e não tem outro ofício.

Que tenha apenas um ou dois, ou vários, ou muitos, ou um regaço mais que cheio, incluindo algum que não seja seu, a mãe ama, ampara e sonha os sonhos dos filhos e filhas. Com este nina, com outro canta, aquele anima e com aqueloutro chora, e com todos ri e dança. E a cada um dá o seu amor que acalenta, encoraja e ampara como o sol de cada dia; se um precisa de muito dá-lhe muito, se outro de pouco, pouco dá e é muito também. E é tudo. Se um tem uma taça grande, ou se pequena, ambas enche, ambas cumula de graça materna tão importante e necessária para que cada um cresça e dê frutos.

A um conforta com o olhar, a outro com um abraço; ao pequenino embala-o no colo, ao adolescente oferece-lhe uns ténis. Ao empreendedor sugere prudência. Ao maior abençoa-lhe os filhos e ensina-o a abençoá-los. A um oferece-lhe a fatia maior do bolo, ao outro a melhor peça de carne a seguir ao pai.

A mãe sabe amar o filho, ou filha, e o filho ou filha sabe que a mãe os ama com ternura. Sim, os filhos ou filhas podem ignorar os mais secretos sofrimentos das mães, sobretudo as angústias que se assomam ao limiar do seu nascimento e as tremuras nos primeiros meses de suas vidas. Sim, podem ignorar tudo isso. Podem ignorar todas as incertezas que serpenteiam o coração da mãe à hora de *dar luz* uma nova criatura. E mesmo que o parto tenha sido sereno e escorreito – e o *menino seja perfeito* – sempre existem correrias para os médicos, dúvidas sobre

se tudo estava bem e no lugar, sobre o que aquele menino ou menina virá a ser, que gênio traz – pacífico, rebelde, inconstante ou audaz. Sim, nós, filhos ou filhas nunca inteiramente saberemos o que uma mãe passa por nós, que *patio* – paixão, quero dizer – passou e sofreu. Sabemos sim, e eu sei da minha, que a mãe pode ser pobrezinha, mas ainda assim não há melhor mãe no mundo. Que não quero ser amado por outra se não pela minha. A única, a irrepetível no seu amor por mim, irrepetível no amor por cada um dos meus irmãos. Por cada um dos seus filhos.

Eu não me vi jamais tão bem cercado de amor, como quando os doces braços fortes de minha mãe me enlaçaram, como quando comigo ela bailou, para eu adormecer em seu colo. E aposto (sem que alguém comigo tenha de apostar) que ela inventou uma outra dança para dançar com cada um dos irmãos e irmãs que me seguiram. Ela que a cada um nos desenhou e teceu o coração bem sabia que este ou aquele novo coraçãozinho precisava de mais ou menos passinhos, se com a anca mais para cima ou mais para baixo, se mais rápida ou mais lenta nos seus passos e no compasso do seu coração. Porque a mãe sabe – e deve ser a primeira coisa que sobre nós ela saberá – qual o compasso a que obedece cada coraçãozinho que ela *bota* ao mundo!

Cada filho é único e cada dança com cada filho ou filha única é no mundo também.

2. Nós somos filhos da mãe – e mau sinal é se isto vos souber a vernáculo. Não somos da mamã, somos da Mãe de Nazaré. Pobre, de avental e descalça. Cada coração das nossas mães, ricas ou pobres, jovens ou maduras, abriga no seu coração uma chispa do da Graciosa Mãe. É daí que nos vem a fonte de bênção do milagre maior.

Com minha mãe eu aprendi a amar a Mãe Maria de Nazaré. Não são muito diferentes, porque ambas pobres. Mas há diferenças, claro. Uma é a Mãe Graciosa, a outra faz tudo para parecer-se com ela, com o seu coração puro e santo, dedicado a Jesus, a José, ao povo da aldeia, aos pobres e aos peregrinos dos caminhos que peregrinou.

Sim, eu conheço o milagre das mães.

É um milagre que não cabe em discursos, mas brota em pequenos rebentos, em gestos simples. Em diminutos cuidados. Daqueles que, sem descanso, se repetem todos os dias. É um milagre de confiança e de exemplaridade. O milagre de minha mãe, das nossas mães, é a confiança quase toda posta em Maria. É devoção à Senhora que é mãe como elas; é diálogo com a Mãe delas, Mãe atenta, cuidadosa e próxima. Falam com Ela como falam com uma amiga ou vizinha – directamente e sem paninhos quentes. Em total confiança pedem-lhe tudo, tudo para a sua casa, tudo para os filhos, para as galinhas ou o gato. Sem medo nem meias palavras. Pedem-lhe com a certeza que Ela acede e responde; não lhe dizem sim ou sopas, apenas lhe dizem que é Mãe e elas são filhas com crias. Se estudamos, dizem-lhe que andamos com dificuldades em tal matéria; se temos exames, lembram-lhe que temos de passar de

ano; se chove e o trânsito para a escola está complicado, pedem-lhe um helicóptero; se vamos para um campo férias, pedem-lhe que nos traga sãos de volta e sem rabunhadelas. Enfim, nós, filhos, enquanto temos mãe temos a certeza que a nossa e a de Jesus são amigas ou comadres. Que se ajudam sempre, sempre, que se estimam uma à outra porque são boas mães. E acertamos.

Eu sou feliz porque vi muitas vezes a minha mãe falando com a Mãe de Jesus, chamando-lhe, ora Mãe, ora Senhora dos Impossíveis. Vi-a rezar-lhe com firmeza, com certeza de que por Ela era ouvida. Vi-a fazer a paz como a Rainha da paz. Via tecer a alegria como a Senhora da alegria. Via amar o Amor como Maria amava a Jesus. Via pedir como filha pobre de Israel.

A minha mãe ama a Mãe de Jesus e imita a Mãe de Jesus não por medo nem como forma de retribuição, mas por que sabe, porque tem no coração o sabor da presença de Jesus e a confiança certa de que Maria ampara os seus.

(Ah! E agora esqueçam que até aqui falei da pobre pecadora que é a minha mãe, que o que aqui eu mais queria era falar de Catarina, não de Maria Rosa. Sim, de Catarina, a mãe de Jvanico de Yepes, o nosso San Jvan de la Crvz.)

3. Frei João da Cruz, pequeno frade de corpo, mas gigante de espírito, escreveu pouco sobre Nossa Senhora, mas nesse pouco disse muito. E como nele é habitual só começou a escrever e a ensinar, e para não repetir, onde os outros haviam terminado. Logo, se é certo que ele nunca fala em tom de piedade popular, de quanto sejam devoções e procissões, próprias da Ordem ou não, o certo é que piedoso ele era e as assumiu e as seguiu, como calçada ligeira para o céu.

A vinculação de Juanico à Graciosa Virgem Mãe de Deus é precoce, e certamente inspirada no amor que tem à sua querida mãe Catarina. Pudera! Sempre apoucado em falar de si, algo ele disse e confidenciou, e sim, bons testemunhos existem sobre o que declarou acerca da presença de Maria em sua vida. E eles falam e dizem que Juan de Yepes-frei João da Cruz foi profundamente de Maria, profundamente a Ela dedicado, constantemente por Ela favorecido. Testemunhas existem que, deliciosamente, nos falam da sua vida plenamente consagrada a Nossa Senhora, honrando-a e servindo-a sem que sobressaíssem gestos ou obras exteriores de vulto, e com eles e por meio deles também, fazendo-se santo na sua Ordem, através do fiel cumprimento da sua Regra, habitando a sua casa e revestindo-se de seu hábito. Claro que era homem de levar flores ao seu altar depositando-as aos pés da sua imagem, de visitar os seus santuários, de a invocar com intenso amor, de lhe rezar devoções, presidir a novenas e procissões, e até, de coração a latir, invocá-la com seus lábios, tanto na saúde como na doença; porém, eu me pergunto, e quero que o saibas, leitor, leitora, e não era isso normal num carmelita descalço do século XVI espanhol? Em qualquer carmelita de qualquer século? Era sim;

A minha mãe ama a Mãe de Jesus e imita a Mãe de Jesus não por medo nem como forma de retribuição, mas por que sabe, porque tem no coração o sabor da presença de Jesus e a confiança certa de que Maria ampara os seus.

”

ora, se era, para quê, na óptica do Pobre de Fontiveros, referi-lo ou aventá-lo? Pois não o fazia, não o fez, ou quase não o fez; e eu, se o compreendo, também o repreendo. Não se dirão aqui, portanto, coisas muito espetaculares porque, se ele era por demais austero e enxuto, e não se vangloriava de exterioridades – ainda que lhes fosse afim e as praticasse e elas o tenham ajudado a constituir-se santo –, antes sim, o direi como peixe de águas profundas, dedicando-se e prestando atenção ao interior, ao mais profundo centro de si mesmo, onde só habita a glória de Deus, ali mesmo onde sucedem as coisas mais secretas entre Deus e a alma!

Ainda que pequenito, Jvan de la Cruz foi homem fundo e profundo. E se todo ele era sereno e pacífico à flor do olhar, também era visivelmente dedicadíssimo a Nossa Senhora e seu filho terno, fiado, confiado e amantíssimo. Ainda que o digam pequenito – coisa que não pode trans-trocar-se – convém assinalar que alguém o definiu, e bem, como «um lindo fradinho de coração incandescente», ardendo de amor pela Santíssima Trindade, pela Virgem Santa Maria e por São José – acrescento eu, já agora.

A sua existência, tão igual à de tantos do seu tempo e não só é, afinal, tão única e singular que a poderíamos resumir assim: a presença constante de Maria na vida de Jvanico foi a de perfeito amor terno e materno; inteira ele lhe dedicou a vida e ao longo dos seus 49 anos nada quis fazer sem Ela. Bastar-nos-ia recordar que um dia diante duma belíssima imagem de Nossa Senhora, exclamou algo parecido como: *eu, esta imagem e um deserto, e seria o homem mais feliz do mundo!* (E é que nem reclamava um pedaço de pão ou meia vasilha de água – tão só, contemplar sem fim a beleza duma imagem de Nossa Senhora!);

Estas linhas, portanto, apenas desejam encarrear-te o olhar, leitor, leitora, para a Virgem Maria, a Graciosa Mãe de São João da Cruz e, ao mesmo tempo, colocar diante do teu olhar a figura de um santo ímpar, San Juan de la Cruz, todo ele diligente serviçal da Virgem Santa Maria. Saibamos, pois, e não ignoremos, que sendo ele menino de brincadeiras inocentes, mas ao mesmo tempo perigosas, Ela estava sempre presente a seu lado e três vezes o livrou das águas traiçoeiras. E não ignoremos jamais que toda a sua infância, pelas mãos e pela devoção da mãe Catarina, a sua vida devota passava muito, mas tão toda, claro, pela constância do seu olhar fito no rosto e nas mãos da Mãe de Jesus;

E não ignoremos – ainda que totalmente não lobrigue-mos – como gentil e intensa deve ter sido a sua infantil piedade mariana, porque, afinal, no fim da adolescência, quando todos o queriam em seu claustro – sem mais mas nem meio mas – decidido, ele escolheu reclir-se com Ela no claustro da Sua Ordem: o Carmo;

E não ignoremos que sendo ele jovem sacerdote, saboreando ainda as primícias da unção sacerdotal, e já com um pé fora do claustro, a perspicaz Madre Teresa de Jesus o reconquistou para a Ordem de Nossa Senhora;

E não ignoremos, pois os testemunhos são muitos, que sendo já homem maduro, que estivesse onde estivesse – no claustro ou nos caminhos feitos claustros –, a sua piedade era profundamente mariana, confiadamente mariana, e que a Virgem Mãe de Deus o protegia e livrava de perigos;

E não ignoremos também – por muito que alguns hoje se surpreendam e até se escandalizem – que algumas vezes o seu interior se extasiava com a formosa beleza da Mãe de Deus e, depois, todo ele estremecia e transbordava de alegria e emoção;

E não, não ignoremos ainda, nem jamais nos estranhemos, se dissermos que um dia, pelo menos um dia, frei João *roubou* a imagem do Menino Jesus, retirando-a do colo da Mãe e, de rosto airoso e feliz, a portou durante toda uma procissão; acreditarás tu nisso, leitor, leitora? E se te disser que outra vez, voltou a *furtar* a imagem do Menino do olhar da Mãe e com ela, feliz, longamente bailou? – pobre Mãe que ele tanto amava a ponto de, repetidamente, lhe *roubar* o Filho!;

Nem ignoremos, finalmente, que ao se chegar o fim dos seus dias a Virgem lhe confidenciou que morreria em dia de sábado – o que no Carmo é uma glória. Nem ignoremos que ao longo dos últimos oito dias da sua vida, esta feliz promessa da Virgem o fez, insistentemente, perguntar qual fosse o dia em que estava, e qual fosse a hora – porque denodado queria ele chegar a sábado;

Nem ignoremos, finalmente, que foi no sábado da oitava da Imaculada que ele foi cantar Matinas para o céu juntamente com Ela!

Enfim, inteiro ele era e dela sempre foi; e inteiro Ela o recebeu no céu em seu dia. Perfeito.

Perguntarás, leitor, leitora, como sei, como sabemos tudo isto. Levanto um pouco o véu: tal como outros, mas sobretudo ele, o Irmão Martinho da Assunção, companheiro de tantas correrias do Padre João declarou que, quer estando em casa, quer andando pelos caminhos, o Santo Padre costumava contar casos e coisas que se tinham passado na sua vida – e, apesar de tão comedido – confidenciava tudo isso para afervorar e fazer aumentar nos seus companheiros de andanças o amor a Nossa Senhora. Logo, portanto, tudo quanto aqui se conta, das duas uma: ou o Santo o contou, ou os seus companheiros o testemunharam. Eu simplesmente procurarei nada inventar nem nada aumentar.

4. Já atrás dissemos não serem muitas as referências de São João da Cruz a Nossa Senhora presentes em seus escritos espirituais; o que levou algum autor a conclamar que qualquer uma – embora haja umas mais que outras – «vale por um tratado de mariologia». Obrigatório será, por isso, que deitemos o olhar a alguns ensinamentos que encontramos nos seus textos; perdoarás, leitor, leitora, que sejam apenas três:

E não, não ignoremos ainda, nem jamais nos estranhemos, se dissermos que um dia, pelo menos um dia, frei João *roubou* a imagem do Menino Jesus, retirando-a do colo da Mãe...

Na Oração da Alma Enamorada, o Santo dos Nadas escreveu (e rezou): «*A Mãe de Deus é minha*». Lendo ou rezando tal oração será impossível não repararmos na profusão de pronomes possessivos esparzidos na leirinha daquele pequeno de texto – meu/minha, meus/minhas; e por maioria de razão tal exclamação muito nos surpreenderá por se tratar duma *tomada de posse* – «*é minha*» –, e logo por quem tanto se ocupou e ensinou a promover a desapossessão.

A razão de tão surpreendente ousadia é só uma «*porque Cristo é meu*»!

Dizem que por estas duas afirmações São João da Cruz se revelou ao mundo como o homem mais ambicioso: Cristo é meu, e em Cristo todas as coisas são minhas; todas as coisas e a Mãe de Deus também! Desta forma, diz-se, nunca houve no mundo homem tão rico – e de facto, tudo é dele!

Perdoar-me-ás, leitor, leitora, a insistência: é certo que tudo é dele – «tudo é meu e para mim» – porque Cristo também é dele; mas primeiro Cristo foi da Mãe, a Escrava do Senhor, foi Ela que O concebeu, que O gerou, O deu à luz, O cuidou, ajudou a crescer e depois n’O-lo deu. E n’O-lo continua a dar desde o céu!

Em Cristo tudo se resume. Cristo é da Mãe. E Cristo, que é Dela, no-l’A ofereceu a nós; e Nela O recebemos a Ele. Tudo é nosso, portanto. Porém, rezando e acompanhando a oração de São João da Cruz, agradeceremos nós, algumas vez, cabalmente, à Virgem tal imensa dádiva? E ao Santo tal maravilhosa oração?

Numa outra página, no **livro da Subida do Monte Carmelo**; escreveu: «*Eram assim as da gloriosíssima Virgem Nossa Senhora, a qual, estando desde o princípio elevada neste alto estado, nunca teve gravada na sua alma forma alguma de criatura, nem se moveu por ela, mas foi sempre movida pelo Espírito Santo*» (3Subida 2:10). Que é como quem diz: em sua vida, a Virgem Mãe de Deus não foi apenas isenta de pecado, mesmo da falta mais mínima, mas também de toda a imperfeição, porque Ela apenas e sempre se deixou guiar pelo divino Espírito de Deus. E a nós que tendemos para tal alto estado, só nos cabe olhar – com docilidade e sem indecisão – para o seu exemplo, por ser Ela o melhor modelo de pensamento, de afecto e de compromisso e de união a Deus.

Na sua pedagogia espiritual parece que o Santo não ensina outra coisa que o esvaziamento: aqui neste particular sugere-nos que a memória – esse é o contexto das suas palavras – se há-de esvaziar das notícias ou conteúdos que ali se preservam trazidos pelos sentidos corporais. Este esvaziamento é absolutamente necessário, sob pena de se tornar impossível a união da memória com Deus. E quando as potências da alma se transformam em Deus, então as suas obras se tornam também divinas. Como as de Maria, de resto! Confiemo-nos, portanto, ao Espírito Santo! Sem medo.

Tomemos a vida por subida. Impossível subi-la sozinho – repararás. Na vida de São João da Cruz, Maria foi alento na *Subida*; lua clara na *Noite Escura*. Foi a melodia do seu *Cântico*; e o calor da sua *Chama*. Por isso, nunca jamais algum peregrino caminhe ou suba, cante ou se aqueça longe do coração dessa Mulher que só se moveu por inspiração do Espírito Santo!

No **livro Chama de Amor Viva**, São João da Cruz escreve: «*Convém reparar que a alma só trata de apresentar ao Amado as suas necessidades e penas, porque quem ama discretamente não se preocupa em pedir o que carece e deseja, antes apresenta as suas necessidades para que o Amado faça como for servido. Foi assim que procedeu a Virgem bendita com o seu amado Filho nas bodas de Caná da Galileia: directamente não Lhe pediu o vinho, mas disse apenas: Não têm vinho*» (Chama 2,8). Ao apontar mais uma vez para o modelo que é a Virgem de Nazaré – mulher fiada e confiada, discreta e atenta – talvez o Santo muito diga ali da sua oração pessoal, oferecendo-no-la como súplica de perfeição: aquela que só nasce da moção do Espírito Santo, pois só Ele sabe o que a cada momento nos convém (e para maior glória de Deus também). E é que no humilde pedir e falar com Deus, devemos aprender de Maria a rezar, porque nunca jamais nos cabe pedir a Deus exactamente isto ou aquilo, com esta medida ou aquela outra forma, neste ou naquele tempo, mas apresentar-Lhe, apenas, a necessidade existente, isto é, dizer-Lhe como Ela disse a seu Filho: não têm vinho!

E Ele fará o que entender deva ser feito!

Não será defeito teu, leitor, leitora, se naquele pequenino texto da *Chama* reparares na expressão: «*Virgem bendita com o seu amado Filho*». É que eu muito me engano, ou o que o Santo nos está a dizer é que Jesus é o verdadeiro amado da Virgem! E a ser assim, a eficácia da oração vem também desse amor (que une a Virgem ao Filho)! E isto é, pois, mui relevante para a oração cristã: «*porque quando Deus é amado, atende com grande facilidade às preces de quem O ama*» (Chama B 1,13).

Ah, como talvez se explique a ineficácia de tanta oração bendita: falamos de mais e amamos de menos.

Olha bem, leitor; olha bem o que aqui intuo: não quererá o Santo com isto dizer-nos que ter o coração inteiro em Deus; isto é, não partido e repartido entre Deus e o mundo, nos traz a nós e, por nós ao mundo, um mar de graças? Sim, nada, nenhum laço é tão forte como o amor, para alcançar e trazer de Deus quanto no mundo da fé precisamos.

Permite-me que, por último, falhe à palavra dada, e te deixe aqui outros dois breves apontamentos marianos de San Jvan de la Crvz; um mais breve que o outro.

No **livro da Chama de Amor Viva**, versão B, encontramos o seguinte texto: «*convém saber que cada coisa tem e faz sombra conforme o modo e propriedades dessa mesma coisa. Se é opaca e escura, a sombra é espessa; se é*

Em Cristo tudo se resume. Cristo é da Mãe. E Cristo, que é Dela, no-l’A ofereceu a nós; e Nela O recebemos a Ele. Tudo é nosso, portanto.

”

menos densa, clara e subtil, também a sombra é mais clara e subtil. Assim, a sombra de uma treva será outra treva como a primeira, e a sombra [...] das sombras de Deus, hão-de ser acesas e resplandecentes à feição das lâmpadas que as produzem; portanto, estas sombras serão também resplendores» (Chama 3:13-14).

O que neste contexto e no seguimento deste texto nos atreveremos a dizer é que a Virgem Maria, Mãe da Luz, será algo como *Deus em sombra*. E por essa razão, um pouco mais à frente, São João da Cruz dirá: «*Segundo isto, quais serão as sombras que o Espírito Santo produzirá nesta alma em relação às grandezas de suas virtudes e atributos? Estando tão perto dela, não só a toca com a sombra, mas une-se com ela em sombras e resplendores; então, como há-de a alma entender e saborear Deus em cada uma delas, segundo a propriedade e feição de Deus em cada uma delas?*» (Chama 3:15).

Creemos que daqui se pode indiciar que, à luz do Santo Poeta, a Virgem Maria, toda ela é plena da sombra luminosa de Deus, é *Deus por participação de Deus*, isto é: é imagem e revelação de Deus, a ponto de por Ela e Nela intuirmos um pouco mais e um pouco melhor do rosto terno de Deus. Afinal Nela se realizou o sonho de Deus, precisamente quando o poder de Deus se fez sombra sobre Ela.

Enfim, não é nada curto o alcance deste ensinamento de São João da Cruz!

Concluamos esta pequena incursão pelo marianismo de São João da Cruz, com uma breve invocação de Nossa Senhora que o Santo deixou escrita no seu Romance sobre o Nascimento de Cristo. Neste poema irmanam-se no coração cantor do poeta a sensibilidade popular típica do Natal e a profundidade típica dum teólogo contemplativo e místico. E ambas se conjugam muito bem. O poeta canta ali o mistério da Incarnação como um desposório celebrado na gruta de Belém entre a pessoa do Filho de Deus e a natureza humana; entre a natureza divina presente no Verbo de Deus e a humanidade, tão especialmente celebrado e cantado por anjos e pastores com cânticos e melodias.

Especial destaque ali se dá à Virgem-Mãe porque em seus braços Ela tomou os desposados que se haviam unido em seu seio – isto é, tomou Ela a Jesus-Deus-e-homem, saído de seu tálamo, o seu ventre virginal, para remansadamente O depor sobre as palhas da manjedoura. A este sacrário alvíssimo que é Maria, neste poema, São João da Cruz só encontrou um nome para Lhe chamar: «A graciosa Mãe!» E por isso este apartado eu o termino assim:

– *Graciosa Mãe de Deus humanado*: Rogai por nós!

5. Já quase é hora de terminar; não porque tudo fique dito, e menos ainda bem dito. Mas por ser meu desejo que estes textos não sejam demasiado grandes, a fim de que possam ser lidos por todos. Por isso o encerro com algumas pequenas margaridas marianas que ao longo da

vida de San Jvan de la Crvz foram brotando do seu coração santo. A elas vamos, pois, porque em muitos casos me enlevam mais que os tratados e sùmulas teológicas.

Livre das águas. Já atrás ficou dito que, por três vezes, a Virgem livrou Jvan das águas traiçoeiras. Vale a pena contar os relatos, quer porque o são, e são curtos, quer porque eles nos falam muito e bem da sua alma e da sua ternura pela Graciosa Mãe de Deus.

Numa lagoa de Fontiveros. Nos inícios de 1582 frei João da Cruz foi eleito prior de Granada; em 1583 foi reeleito. Num desses anos que ali passou, contou que sendo menino, em Fontiveros, sua terra natal, andava ele e outros meninos brincando junto a uma lagoa. Não estou certo como seria a brincadeira, mas parece que consistia em atirar uma vara com toda a força para as profundidades da água da lagoa e depois recolhê-la, rapidamente, quando ela regressasse à tona. Ingénua brincadeira de meninos pobres, em tempos que ninguém sonhava com as PlayStation de hoje.

Nenhuma das narrações que existe diz quantos meninos fossem, nem quantas varas atirou cada um; apenas dão a entender que aquela brincadeira os entretinha e os fazia felizes, pelo que com ela não se entretiveram apenas uma vez. Ora, pois: o que sucedeu então, de tão surpreendente? Sucedeu que de certa vez – talvez porque a vara de Jvanico não regressou à flor da água com ímpeto suficiente para que a agarrasse prontamente – o menino caiu dentro da lagoa barrenta. Talvez ele se tenha debruçado em demasia e, desequilibrando-se, afundou-se na água lodosa. O susto foi grande para todos e o alarido das demais crianças também.

Conta o Santo, e contou-o muitas vezes, que naquele entrementes em que se debatia com as águas profundas e o lodo da lagoa, Nossa Senhora lhe apareceu e lhe pediu que lhe desse a mão para o livrar das águas; e o menino não dava a mão à Senhora porque «a tinha suja de barro e não queria sujar a dela, que era tão formosa e linda». Sigamos ouvindo o Santo: «estando assim nesta contenda [com a Senhora] apareceu, entretanto, um lavrador – alguns dizem que era São José! – que lhe estendeu uma vara que trazia; eu agarrei-me a ela e assim saí da lagoa».

No poço do hospital de Medina del Campo. Já o sabemos menino acólito, esmoleiro e enfermeiro no Hospital das Bubas de Medina. Não era certamente o único, pois havia mais. Certo dia em que brincava com os companheiros no pátio do hospital, um dos colegas empurrou-o e Jvanico caiu no poço da nora. Sustos, horror. Não se sabe o mês, mas as águas eram fundas, negras e frias. E foram tantos que o viram no fundo do poço, que o assunto foi falado em toda a vila de Medina e arredores. E se assim foi, foi, que o Santo jamais o negou.

Alguns que contam este facto só o souberam pela boca do Santo – como foi o caso da Madre Francisca da Mãe de Deus. Narrou ela que ele, caído no poço, «nunca se afundou nas águas escuras, mas sempre esteve sobre

Nossa Senhora lhe apareceu e lhe pediu que lhe desse a mão para o livrar das águas; e o menino não dava a mão à Senhora porque «a tinha suja de barro...

”

elas, até que chegou quem lhe lançasse uma corda e o retirasse». Ah, pois, sim, dirás tu, leitor, leitora, mas como é que Jvanico se manteve à flor da água tanto tempo? Manteve-se, segundo o que ele contou, porque «Nossa Senhora o sustinha pela mão»; e como se sabe: quando a Mãe põe a mão, tudo serena, tudo se sustém!

Num rio, algures entre Castilha e Andaluzia. Certo dia, já frei João era homem maduro e grave, indo de Manchuela para Jaen, o Santo deparou-se com um rio a transbordar. A subida das águas deve ter sido repentina, razão pela qual na margem aguardam quatro arrieiros para fazer a travessia em segurança. Frei João chega em cima dum burrico. Imprevidente ele não é, mas contra todas as prudentes falas ele se atira às águas. Eis, senão quando, vindo pela correnteza abaixo um tronco se mete entre as patas da cavalgadura e derruba montada e cavalgador. E pugnando o Santo contra as águas e o tronco, pareceu-lhe ver Nossa Senhora que o segurou pelas pontas da capa e o retirou para fora; e uma vez fora, apressado se encaminhou para uma pousada onde jazia um homem ferido de morte, necessitado de confissão geral!

Maria, o olhar e o coração de Maria, Senhora das águas bravias, estiveram sempre diante do coração e do olhar de frei João da Cruz. Sempre, sempre.

Opção de vida. Sabemos bem que na juventude, ao concluir os estudos secundários, houve, como todos, de escolher rumo para a sua vida. A verdade é que se lhe ofereciam vários caminhos: ou sacerdote capelão do Hospital da Conceição; ou religioso franciscano, ou até mesmo jesuíta, entre os quais concluíra os estudos médios com um aproveitamento elevadíssimo. Entre estas e outras consideráveis opções, inesperadamente João de Yepes escolheu entrar no claustro do convento do Carmo de Santa Ana de Medina. Muitos se perguntam o porquê dessa eleição – já eu não duvido que era por ser o claustro mais pobre de todos; mas também estou com todos os que dizem que ele o elegera por ser da Ordem do Carmo, a Ordem de Nossa Senhora. É que desde menino todo ele Dela é, todo a Ela está devotado e consagrado; e se assim é, como traí-la, dirigindo-se para outro claustro mais pomposo que a casinha de Nazaré? Não, ele não podia revestir-se senão do hábito de Nossa Senhora, e foi, pois, esse que escolheu para toda a vida!

Encontro definidor. Surpreendentemente, depois de ordenado sacerdote, frei João sofre um assustador torpel de dúvidas e angústias terríveis. E tanto é o que ele detidamente ruma no seu interior, que se decidiu a desvestir o hábito da Senhora do Carmo para se revestir do de monge cartuxo. Anda nestas quando em Agosto de 1567 desceu a Medina del Campo para celebrar a primeira Missa. Ele não sabe, mas ali vive, desde há algum tempo, a Madre Teresa de Jesus. Encontram-se, por fim, os dois no locutório do Carmelo, num encontro mediado por um companheiro de estudos de frei João. A monja procura pedras para um convento de frades contemplativos e não as acha, pelo

menos uma que seja inteira e cabal para a missão que o Espírito Santo lhe inspira.

Numa discreta tarde juntam-se os dois santos – e que santos! –, um de cada lado da grossa grade de ferro. Desse encontro se diz que duas mulheres – Teresa e a Virgem Maria – se coligaram para definitivamente ganhar o fradinho pobre de Fontiveros, para a Ordem de Nossa Senhora, o Carmo. De facto, frei João não escondeu, jamais à Madre que pretende ingressar na Cartuxa de Paular. Já a Madre, perspicaz em reconhecer os anelos de perfeição de alguém, concorda com tais desejos, e informa-o que possui duas patentes do Padre Geral Rubeo, devotíssimo de Nossa Senhora, para inaugurar dois conventos masculinos inteiramente a Ela dedicados. Há até quem diga que foi Ela a verdadeira promotora deste encontro feliz.

O certo é que frei João apenas pediu uma coisa: que em nada a Madre se demorasse. E ela não se demorará, não. Poucos dias depois, antes de Setembro, isto é, antes que frei João a acompanhasse na fundação do Carmelo de Valhadolide, a pedido da Santa Madre, aparece-lhes ele vestido de Descalço, de pés nus, hábito curto e pobre, de estaménha de cor castanha, da mais ordinária que havia. O burel fora talhado pela própria Madre Teresa e costurado por ela e suas monjas. E por sobre o saial marron uma grossa capa branca. Quando as monjitas o viram no locutório, viram o que nunca ninguém antes tinha visto: um Carmelita Descalço com um hábito pobre como o avental da Mãe de Nazaré... Eis ali o primeiro aparecendo no mundo, primeiro e viva imagem de homem contemplativo e penitente. Naquela hora, o mundo (representado pelas monjinhas), os anjos e os santos assistiram maravilhados e edificadas a este espectáculo de pobreza inegável.

Dentro de breves dias, o pequeno filho da Virgem Maria, descalço e garboso, palmilhará revestido do pobre hábito da Mãe, os longos trilhos poeirentos de Castela.

Ó que belo é o hábito da Virgem!

Filho, tem paciência. Entre o dia 28 de Novembro de 1568 e os inícios de Dezembro de 1577 a vida da Descalcez e a de frei João da Cruz é um fervilhar em permanente corre-corre.

(Já sabes, leitor, leitora, que a primeira data corresponde à fundação dos Carmelitas Descalços – no primeiro domingo de Advento; e a segunda refere-se ao dia em que prenderam o pobre fradinho Santo e, raptado e vendado, o levaram para a prisão conventual do Carmo de Toledo.)

Ora, pois, esses curtos anos voaram como um fósforo aceso. Não é preciso descrever aqui como foi a vida daquelas primeiras comunidades, pois é sabido como as dimensões contemplativa, mariana e pastoral ou missionária estiveram mais que presentes e bem aparelhadas entre si. O que sim devemos sublinhar é que o aparecimento e implantação dos carmelitas descalços foi tão rápida e bem-sucedida como fogo ardendo em palha seca. E poucos ou nenhuns estavam preparados para tal. Vai daí, raptaram aquele fradinho tão Zé-ninguém que custa a crer

Pareceu-lhe ver Nossa Senhora que o segurou pelas pontas da capa e o retirou para fora; e uma vez fora, apressado se encaminhou para uma pousada onde jazia um homem ferido de morte...

que afrontasse ou fizesse mal a algum instalado. Pronto, mas já é sabido dos Evangelhos que a pedra preferida é a enjeitada, não a aparelhada e luzente.

E pois, raptaram-no, torturaram-no e martirizaram-no impiedosamente durante os nove meses que o aproximaram do dia 14 de Agosto de 1578. Na tarde desse dia deu-se o diálogo que já conheces, leitor, leitora. Entrando o prior padre Maldonado na enxovia em que o retêm prisioneiro, acha-o por terra e de costas para a porta. Jaz desvalido.

Afrontando-o com o bico da sandália nas costas, pergunta o chefe da prisão ao encarcerado:

– Porque não vos levantaiis, se venho visitar-vos?

– Perdoe-me Vossa Reverência, pois, fraco e absorto, não me apercebi da vossa chegada! – contestou, desculpando-se, enquanto cambaleando e a custo, procurava erguer-se.

– E em que pensáveis, agora mesmo?

– Estou a pensar que amanhã é dia de Nossa Senhora e que muito eu gostava de rezar Missa!

(A narrativa não o diz nesta página, mas sabido é que o haviam privado de dizer Missa durante os pretéritos nove meses!)

– Nunca isso acontecerá em meus dias de superior!

– replica-lhe o cruel algoz, enquanto se vira, sai e bate a porta com estrondo.

Anos depois, várias pessoas jurarão declarando terem ouvido do Santo Padre que no dia seguinte àquela injúria – portanto, no dia solene da Assunção de Nossa Senhora – Ela lhe apareceu na prisão, pedindo-lhe que fosse paciente, e declarando-lhe que em breve o salvaria; e em prova disso lhe mostrou uma janela – por sinal, altíssima! – por onde ele haveria de fugir. E assim, como já deixei descrito noutro lugar: em uma noite escura, com ânsias em amores inflamado, miraculosamente, o fradinho pobre e mártir de amor da prisão fugiu com sucesso.

E em pouco tempo os carmelitas reformados obtiveram licença para criarem uma província separada – a primeira dos carmelitas descalços.

A da capa branca. Narram ainda os anais do carmo descalço outra maravilha de Nossa Senhora em favor de seu filho, o padre João. Já maravilhado aqui a contei algures, mas esta é também a hora de a recontar reforçando a clave mariana. (Perdoarás, leitor, leitora, se desemparelhar algum pormenor.) Quem no-la conta é o Irmão Martinho da Assunção, que participou no acontecimento: estando frei João da Cruz na fundação de Córdoba, derrubavam-se paredes para melhor aparelhar a casa e a igreja. Tendo cavado certa parede pela base, puxaram-na depois com sogas, a fim de a derrubarem por terra. Surpreendentemente esta acabou caindo não para onde era puxada, mas sobre a cela do Santo, soterrando-o. Literalmente. Logo ali acorreram peões, operários e frades, em esforço, para retirar terra, pedra e tabiques; e quando o criam morto, acharam-no, rindo-se a um canto, embrulhado na capa branca, declarando:

– Foram Vocês muito pontuais! E não fora *a da Capa Branca* – a Senhora do Carmo – e não estaria eu agora aqui, livre de perigos e sem nenhum arranhão!

Celebrando as suas festas. Aquele homem e frade adusto e austero era, afinal, um ramalhete de finezas e delicadezas, mais ainda em tratando-se dos dias festivos da Virgem.

No Natal mandava pôr a Virgem num andor e levavam-na em procissão pelo claustro. Não se tratava duma procissão penitencial, ainda que o fosse, mas duma prece em modo exaltação. Quando chegavam à porta duma cela (ou quarto), cantavam versos do Santo, como este:

Del Verbo divino,
a Virgem preñada,
viene de caminho,
si le dais posada.

(Por julgar desnecessário, isto é, por crer que qualquer português saberá ler e entender esta quadra em castelhano, não me urge traduzi-la, para que lendo-a deste modo, sintamos toda a ternura e candura da piedade dos versos marianos de San Juan de la Cruz!)

E depois lá seguiam, e em chegando a nova porta, e a outra, e a outra cantavam novamente estes e glosas destes versos que anunciavam a proximidade do parto da Virgem.

Numa outra festa, no dia da Senhora das Candeias, presidindo o Santo, depois de benzidas as velas, isto é, ante de iniciada a procissão, mandou descer o andor da Senhora e retirou-lhe o Filho dos braços, e qual Santo Velho Simeão, caminhou com Ele, afervorando muito as gentes da terra e os santos do céu!

Muitos outros relatos existem, migalhas uns e outros algo mais que isso. São *pequeñeces*, pouquidades, direi, que é bem mais que *piquinhidades* típicas da piedade sensível de filho por sua Mãe. Não as relato aqui, pois não acabá-riamos de as contar. Por isso, passo de imediato para as suas últimas horas de vida:

A sua morte foi a de um místico enamorado. E foi também uma morte anunciada oito dias antes, como já sabemos, pela *Bendita Senhora*, a *Graciosa Mãe de Deus*. Ela que por ele em vida tão amada foi, esteve presente como mãe e confidente em cada segundo da sua dolorosa agonia.

No último dia, sábado, 13 de dezembro de 1591. Quase de espaço em espaço, foi perguntando as horas ao seu enfermeiro. Tinha pressa de ir-se, como bem sabes, leitor, leitora.

Fernando Días, pai de Catarina de Cristo – uma das duas mulheres que lavaram as gazes que vendavam as feridas da perna do Santo – estava na cela de San Juan de la Cruz nos últimos momentos da sua vida. Pela sua vida fora sempre lembrou a morte do Santo e nunca esqueceu que nos últimos momentos da sua agonia sustentou na mão direita uma vela acesa. Conta, pois ele, e os frades da comunidade Úbeda o corroboram, que às onze da noite o Santo perguntou que horas eram; e qual seria o dia seguinte. E quando lhe disseram que seria sábado, respondeu:

– *Oh que dia tão feliz para mim, porque ao céu tenho de ir rezar matinas com Nossa Senhora!*

E assim foi como, na boa companhia de sempre, a de Jesus e de Maria, São João da Cruz voando, entregou a sua alma a Deus.